

Resenha

WILBER, Ken. *A união da alma e dos sentidos: integrando ciência e religião*. São Paulo: Cultrix, 2001. 166p.

*Luiz Eduardo Valiengo Berni**

Este é um dos livros paradigmáticos de Ken Wilber apresentado em quinze capítulos e dividido em quatro partes, onde o autor faz uma análise da história da ciência no ocidente colocando-a em diálogo com a religião, oferecendo ao final uma proposta para o “casamento” ou a reconciliação entre ambas.

O autor inicia sua reflexão ressaltando a importância capital da temática ciência e religião na contemporaneidade. “A ciência oferece um arcabouço de conhecimento global preenchido regionalmente com significados pelas diversas religiões” (p. 11). Para haver uma integração é fundamental que se encontre um termo comum que possa conferir unidade para a diversidade religiosa e que, ao mesmo tempo, contemple a ciência.

Inicia analisando o conceito de Grande Cadeia do Ser proposto por Huston Smith, afirmando ser um elemento fundamental aceito pela maioria das grandes tradições. Neste conceito “a realidade é uma grande tapeçaria de níveis entrelaçados, abrangendo desde a matéria até o corpo, até a alma até o espírito”. Entretanto, enfatiza que tal conceito seria mais bem compreendido se fosse descrito como um “Grande Ninho do Ser”, e passa a assim tomá-lo, como se cada uma das dimensões maiores abarcasse ou envolvesse as dimensões menores numa situação de envolvimento e contenção, ou de transcendência e inclusão. Este modelo de realidade teria vigorado até a modernidade.

Ao analisar a história da ciência a partir da modernidade busca entendimento explorando como se deu a negação do Grande Ninho, em detrimento do qual passou a vigorar uma nova concepção de realidade, um universo plano reduzido à sua materialidade com a separação radical entre ciência e religião.

* Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP, doutor em Psicologia pela USP e membro fundador do Centro de Educação Transdisciplinar (CETRANS) e da Universidade Rose-Croix Internacional (URCI). Correspondência para/Correspondence to: Luiz Eduardo Valiengo Berni, THOT Desenvolvimento Humano, Rua Dr. Samuel Porto, 292d, Saúde, CEP 04054-010, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: <levberni@hotmail.com>.

A modernidade passa então a ser analisada em dois momentos: um momento luminoso chamado de “diferenciação de saberes” e um momento obscuro denominado “dissolução dos saberes”.

Citando Weber e Habermas, afirma ser o lado luminoso da modernidade aquele ao qual se atribuiu os saberes por meio da arte, da moral e da ciência, ou do Bem, do Belo e da verdade. (a) O Bem se referindo à esfera moral-ética a cargo da religião, usando a linguagem do “Nós”; (b) A verdade se referindo à esfera objetivo-científica, usando a linguagem do “Ele” (Isto); e (c) O Belo, referindo-se à esfera expressivo-estética ou a linguagem do “Eu”. Essa situação possibilitou inúmeras conquistas para as sociedades ocidentais, contribuindo para a instituição das democracias, para o fim da escravidão, para o avanço da medicina, pois a partir de tal clareza, proporcionada pela “diferenciação”, foi possível a liberdade na exploração dos domínios próprios de cada uma das esferas de conhecimento, sem correr-se o risco de se ir para a fogueira por contradizer um dogma da religião, por exemplo.

Entretanto, a “diferenciação”, sobretudo após o iluminismo, converteu-se em “dissociação”, dando lugar a uma especialização extremada que se sucedeu, sobretudo no campo empírico da busca pela verdade ou da ciência. Assim, os laços de comunicação que havia entre as diferentes esferas de conhecimento foram rompidos, fato que levou à fragmentação, à alienação onde apenas o nível mais básico da Grande Cadeia, ou seja, o físico passou a ser considerado o mais relevante em detrimento dos demais. Desta forma, surge o cientificismo, este sim, o aspecto obscuro da modernidade, pois este passou a atuar imperativamente sobre as demais esferas de maneira monológica, plana promovendo uma tensão constante com a religião. Essa situação promoveu um impasse entre ciência e religião, levando à existência de cinco posturas básicas, amplamente abordada na obra. Evidentemente nenhuma delas capaz de resolver a problemática. Estas posturas são: (1) A ciência nega qualquer validade à religião; (2) A religião nega qualquer validade à ciência; (3) A ciência é apenas uma das diversas modalidades válidas de conhecimento; (4) Dentro da ciência pode se encontrar argumentos plausíveis para a explicação do Espírito; (5) A ciência “não existe” o que existe apenas são interpretações.

Assim finaliza sua reflexão sobre a modernidade afirmando que “com a ênfase na dissolução, a ciência empírica invadiu as outras esferas reduzindo

tudo a sua própria dimensão (olho da mente), portanto real passou a ser considerado qualquer entidade ou processo comprováveis” (p. 52). Tais entidades teriam “localização simples”, portanto, poderiam ser tocadas através da extensão dos sentidos sejam eles de maneira macroscópica, com o uso dos telescópios, ou de maneira microscópica com o uso dos microscópios. Quando se conseguiu comprovar que havia uma materialidade dos processos anímicos ao nível cerebral, esse foi o golpe final, ou seja, que levou ao colapso do Cosmo com a rejeição da Grande Cadeia do Ser e sua redução ao seu nível mais elementar, o físico. E assim finaliza sua análise da ruptura entre ciência e religião.

Então passa a explorar os aspectos da contemporaneidade ligados à pós-modernidade na busca do diálogo entre ciência e religião. Salienta o acordo entre os historiadores sobre o que seja modernidade com definições muito próximas à de Will e Ariel Durant (*idade da Razão e da Revolução*) e as discordâncias do que seja a pós-modernidade cujas definições vão desde uma continuidade da modernidade até a de que não existe verdade, apenas interpretações (p. 40). É preciso que se entenda que muitos aspectos da modernidade continuam presentes e válidos na pós-modernidade vivida no presente, desta forma afirma que na contemporaneidade muitos elementos, pré-modernos, modernos e pós-modernos coexistem simultaneamente.

Para integrar ciência e religião é preciso encontrar-se termos que sejam aceitos por ambas. Neste sentido a Grande Cadeia do Ser parece ser um elemento fundamental a ser resgatado, pois ele contempla a maioria das tradições religiosas, como já se afirmou. Assim, resgata esse elemento recorrendo ao conceito de *hólon* de Arthur Koestler para melhor explicá-lo, afirmando que as hierarquias formadas na Grande Cadeia do Ser seriam mais holarquias, onde o *hólon* seria um “inteiro/parte ou inteiros que são simultaneamente partes” (p. 58). Cada *hólon* é um nível de realidade que contém níveis de realidade menos complexos, mantendo uma profunda tensão a fim de garantir sua própria identidade.

Seu entendimento do conflito gerado entre ciência e religião caminha, então, para a afirmação de que as religiões pré-modernas deram muita ênfase às realidades interiores, enquanto que a ciência moderna deu ênfase às exterioridades. Desta forma, a reconciliação só seria factível se fossem atendidas

ambas as reivindicações. Assim, propõe o sistema dos Quatro Quadrantes como forma de contemplar a ambas (ver tabela 1):

<p>Esquerdo Superior</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interior-Individual (Intencional) • O Eu (subjetivo) • O Belo • A Arte (Grande Cadeia) 	<p>Direito Superior</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exterior-Individual (Comportamental) • O Ele (isto) - Objetivo • A verdade • As Ciências Duras • (Localização simples)
<p>Esquerdo Inferior</p> <ul style="list-style-type: none"> • Interior-coletivo (Cultural) • Nós (subjetivo) • O Bom • A Moral 	<p>Direito Inferior</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exterior-coletivo (Social) • O Ele (isto) - Objetivo • A verdade • As Ciências Humanas • (Localização simples)

Tabela 1: Os Quatro Quadrantes

Após realizar esta classificação, passa a reler os movimentos pós-modernos e suas tentativas e reconciliação entre ciência e religião apontando-lhes as falhas. Estabelece para esses movimentos quatro grandes campos: “Romântico, Idealista, Pós-Moderno e Integral” (p. 71).

Os Românticos tentaram reconciliar a ciência e a religião propondo um retorno à natureza, afirmando sua crença na bondade do homem enaltecendo a nobreza do selvagem e a admiração às ações heróicas. Mas caíram naquilo que o autor denomina de falácia pré/trans quando o pré-racional é confundido com o trans-racional, simplesmente porque nenhum dos dois é racional, isso porque a espiritualidade está além da racionalidade e não aquém. Na perspectiva holarquica o trans contém o racional e não o contrário, por isso ao confundir-se o pré com o trans cai-se na falácia de se achar que se está num estado de transcendência, quando na verdade pode-se estar num estado de imanência

regressiva. Isso se explica, pois na modernidade a razão se dissociou ou reprimiu as instâncias pré e trans. Os românticos se empenharam em libertar os sentimentos que foram aprisionados pela razão, todavia o caminho adotado os conduziu muito mais no sentido pré do que no trans. Mais no sentido da indiferenciação do que da diferenciação, o que os conduziu a uma valorização indiscriminada de tudo que não fosse racional, inclusive práticas regressivas, egocêntricas e narcisistas. O Romantismo foi, de fato, vítima da própria dissociação que procurou negar.

O Idealismo procurou transcender a noção Romântica que buscava a integração no paraíso perdido no passado, no “tempo antes do tempo”. Os idealistas ao incorporarem a ideia da evolução (desenvolvimento) às formulações românticas tomam o caminho oposto a estes, ou seja, “os seres humanos, como todos os outros sistemas vivos, estão num processo de crescimento na direção do nosso potencial mais elevado. E se esse potencial mais elevado é Deus, então os homens estão crescendo no sentido da Natureza Divina” (p. 85-88). Caminham, portanto, em direção ao pós-racional, ao Espírito Desperto, não-dual, e não para o pré-racional do Espírito Adormecido do Romantismo. Portanto, a grande integração não poderia ser alcançada nem pela volta à Natureza, nem pela Mente, mas somente pelo Espírito que as transcende e engloba. Mas, apesar desse avanço gigantesco, as proposições idealistas não lograram sucesso, pois eram apenas proposições intelectuais que careciam de prática, ou seja, não havia o que o autor denomina de “elemento contemplativo” que pudesse levar os adeptos dessa escola à verdadeira contemplação (vivência do que fora proposto), o que fez com que suas proposições fossem classificadas como “metafísicas”, ou como pensamentos sem evidência real, portanto também não foram aceitas pela ciência.

O pós-modernismo (extremo) procurou atacar a base do cientificismo, ou seja, negando sua objetividade, afirmando que a verdade inexistia, existindo apenas interpretações sendo esta a “característica intrínseca ao tecido do universo” (p. 94). Ao se tentar negar a dimensão objetiva da verdade, reduziu-se a dimensão subjetiva e assim se eliminou todo o lado direito da tabela 1. Isso gerou uma panaceia de teorias incoerentes que acabam por negar a si próprias. Portanto, quando a pós-modernidade chegou a esse extremo de negar toda e qualquer objetividade à verdade, reduzindo tudo à sua própria perspectiva linguística, incorreu em erro. Como a linguagem é da ordem do “Nós”, essa

abordagem acabou por desconsiderar a ordem do “Eu”, assim como a do “Ele”, reduzindo tudo à dimensão do “Nós” numa rede intersubjetiva e linguística que acabou por se autocontradizer. Essas abordagens buscaram apoio numa visão “distorcida” do paradigma conforme proposto por Thomas Kuhn. Todavia, tais teorias derivaram de três grandes pressupostos, estes sim, que poderiam contribuir para o diálogo entre a ciência e a religião. São eles: (1) A realidade não é apenas dada é também construída de forma interpretativa; (2) O significado atribuído a essa interpretação depende do contexto onde ele se dá, sendo que este pode ser limitador; (3) Portanto a cognição não deve privilegiar nenhuma perspectiva isolada.

Como se vê, as tentativas de integração de uma forma ou de outra tentaram reduzir as Três Grandes apenas a um de seus termos. O Romantismo e o Idealismo evocaram o pluralismo epistemológico procurando colocar a ciência como apenas mais uma das formas de conhecer. As escolas Pós-Modernas com seu “teorismo” procuraram desconstruir a verdade e acabaram por desconstruir a si mesmas. Mas, todas essas tentativas têm seus momentos de verdade que precisam ser considerados nesta busca de (re)integração entre a ciência e a religião.

Chega-se, então à proposta do autor, sua “Visão Integral” que se propõe a realizar a tão sonhada integração preservando as Três Grandes exatamente como elas são. O que, neste caso, se pede é apenas que cada uma dessas esferas possa “desconfiar de que a sua verdade não é a única verdade do Cosmo” (p. 113).

A modernidade não rejeitou o Espírito em si, este foi excluído ao serem negadas as interioridades. O Espírito teria sobrevivido por traz da “Rede da Vida num holismo plano” (p. 113). A tarefa da visão Integral não seria, portanto, reintroduzir a espiritualidade como havia sido proposto nas tentativas anteriores. Sua tarefa seria reintegrar as Três Grandes e vencer as dissociações.

Neste ponto o autor passa a defender uma estrutura axiomática procurando demonstrar que sua abordagem é possível. Assim, avança afirmando que a ciência empírica rejeita as dimensões interiores (propostas pela religião) basicamente por duas razões: (a) Como as modalidades interiores podem ser verificadas no nível físico do cérebro, por exemplo, não seriam necessários outros meios para comprová-las além do sensório-motor, portanto este é o único que deve ser considerado; (b) Mesmo que existissem as realidades interiores estas

não poderiam ser validadas pelo método científico. Então propõe o seguinte contra-argumento:

Com mais pertinência, podemos afirmar que, se a ciência empírica rejeita a validade de toda e qualquer forma de apreensão e conhecimento interior, então ela rejeita sua própria validade, grande parte da qual se baseia em estruturas e percepções interiores, que não são fornecidas e confirmadas pelos sentidos, como a lógica e a matemática, para citar apenas duas. Se a ciência reconhece essas apreensões interiores, das quais dependem suas próprias operações, então ela não pode objetar ao conhecimento interior em si (p. 114-115).

Como a maioria dos cientistas reconhece essa afirmação como verdadeira o primeiro argumento é refutado. O método científico consiste de três linhas básicas de conhecimento: (a) injunção (paradigma); (c) apreensão (experiência); (c) confirmação/rejeição (comprovação). Se as interioridades puderem ser comprovadas pelo mesmo caminho cairia a segunda restrição. Está é, portanto, a essência da busca da proposta Integral.

Ao afirmarem que a única via para a verdade é a via empírico-sensorial, os cientificistas aceitaram o “mito do dado”, ou seja, de que o mundo sensório-motor é dado por experiência direta. Essa perspectiva pode ser igualmente extremista como foi a dos pós-modernistas que procuraram reduzir tudo à dimensão da linguagem, o que a torna, portanto, um mito.

Propõe, portanto, um novo olhar sobre o método científico. O “termo empírico sempre significou experimentar no seu sentido mais amplo. Quando afirmamos que temos alguma evidência empírica, quer dizer simplesmente que temos algum tipo de evidência experimental, dados ou confirmação diretos. (...) isso significa a exigência de evidências para confirmação das asserções, e não apenas confianças em dogmas” (p. 120-121). Passa então a afirmar seu entendimento por um “empirismo amplo” na busca por evidências experimentais para descobrir a verdade, do qual se diz ardoroso praticante – entendendo que esse método pode ser usado para explorar qualquer dimensão da realidade tanto sensorial, mental quanto espiritual. “Portanto, existe empirismo sensorial – olho da carne (do mundo sensório-motor), empirismo mental – olho da mente (incluindo os lógicos matemáticos, semióticos, fenomenológicos e hermenêuticos) e empirismo espiritual – olho da contemplação (misticismo experimental, experiências espirituais)”. Neste caminho deve-se considerar as três linhas válidas para o conhecimento: (a) A Injunção, que trata de uma proposição

imperativa, um caminho classicamente adotado que sabidamente leva ao conhecimento, tornando-se um caminho a ser seguido, um paradigma, afirmando ser este o sentido proposto por Thomas Kuhn; (b) A apreensão direta dos “dados” é a consequência direta da injunção que leva à experiência; (c) A Confirmação (ou rejeição) comum, ou a confrontação ou comprovação, conforme proposto por Karl Popper para que se evite a falsificação.

Por fim, para haver uma real integração entre ciência e religião ambas terão que ceder um pouco. Nada que as possa desconfigurar como aconteceu nas tentativas anteriores. A ciência precisa reconhecer que há outras possibilidades de empirismo, o que já faz ao considerar a existência da lógica e da matemática. A religião, por seu turno, deveria se abrir à verificação direta – ou rejeição – pela evidência experimental. Retoma, então, o conceito de religião entendido como sendo bastante abrangente, aplicado a tudo que vai desde crenças dogmáticas a experiências místicas, de mitologia a fundamentalismo, de ideais mantidos com firmeza a fé apaixonada. Então para poder tratar do que denomina de “autêntica espiritualidade” propõe que as religiões abram mão de seus conteúdos mitológicos e mitopoéticos que são de ordem dogmática, ou seja, quando afirmados como verdades não podem ser comprovadas com qualquer evidência. Esse talvez o principal aspecto da crítica moderna à religião. Avalia, ainda, que há uma corrente que atua perigosamente procurando revitalizar a fé, olhando-a com o olho da mente. Esses teóricos ao proporem leituras metafóricas dos mitos acabam confundindo o pré-racional com o trans-racional, a exemplo do que fizeram os românticos. A contemplação é o coração da religião, sua verdadeira força vital, sendo esse principal elemento que pode contribuir para a integração da religião com a ciência. Assim, nesta perspectiva tanto a ciência quanto a religião poderiam se submeter ao método empírico onde injunção, acesso aos dados e comprovação seriam plausíveis a ambas que comungariam do mesmo método de exploração ou sondagem da Grande Cadeia do Ser. Portanto, para acessar o olho do espírito, o caminho são as práticas contemplativas oferecidas pelas disciplinas espirituais, sejam elas cristãs, budistas, taoístas, sufistas ou de qualquer outra natureza, desde que apresentem comprovada injunção. Na sondagem espiritual, é fundamental que o praticante (pesquisador) procure se aplicar no caminho até que a consciência aprenda a distinguir os fenômenos sutis que se revelaram ao nível do Espírito. Desta forma o Espírito poderá ser visto, Deus poderá ser visto. Assim, tanto a ciência e a arte, quanto a religião

poderão servir-se do mesmo método. Isso irá reunir as Três Grandes (O Belo, o Bom e a verdade), desobrigando a ciência de seu imperialismo. Além das disciplinas espirituais, a psicologia transpessoal assumiria também essa tarefa de investigação, descobrindo estágios além dos ego-rationais. Assim se dará a reconciliação da ciência com a religião, ou seja, as Três Grandes e a Grande Cadeia encontrar-se-ão integradas.

Para encerrar a discussão o autor propõe um caminho de exploração como consequência de sua proposta. “Assim, se imaginarmos a Grande Cadeia como corpo, mente, alma e espírito, então cada um desses níveis tem uma dimensão intencional, comportamental, cultural e social” (p. 149). Portanto, teremos quatro níveis de arte, quatro níveis de moral e quatro níveis de ciência, inclusive a ciência espiritual. E finaliza:

Vimos que cada nível vertical da Grande Holarquia tem quatro dimensões horizontais, os quadrantes – intencional, comportamental, cultural e social – ou simplesmente as Três Grandes da arte, moral e ciência; o Belo, o Bem, e a verdade; o EU, o NÓS, e o ELE (Isto). O Bem, a Verdade e o Belo, portanto, são simplesmente as faces do Espírito quando este brilha sobre o mundo. O Espírito, visto subjetivamente, é o Belo, o EU do Espírito. O Espírito visto intersubjetivamente é o Bem, o NÓS do Espírito. E o Espírito visto objetivamente é a Verdade, o ELE do Espírito. Por todos os tempos, desde o começo, o Bem, a Verdade e o Belo eram murmúrios do Espírito, falando para nós das profundezas do nosso próprio ser (p. 157).

Recebido em 23/04/2009, aceito para publicação em 13/09/2010.